5

Considerações finais

Remontando as discussões apresentadas no decorrer desta dissertação, buscamos mostrar no capítulo 1 as articulações existentes entre o universo de transformações sociais, políticas, econômicas, e culturais no mundo após os anos de 1970 e os resultados socioterritoriais experimentados por grandes metrópoles contemporâneas de países centrais, no sentido do acirramento da segregação socioespacial.

De início, voltamo-nos para a literatura internacional no intuito de verificar como os fenômenos da globalização; do aumento do fluxo migratório de países periféricos para países centrais; do dismantelamento do Estado de Bem-Estar Social; da desindustrialização; e da formação de uma nova pobreza urbana, entre outros, trouxeram nova face à segregação em nações como os Estados Unidos e a França. A partir dos anos de 1980, guetos e periferias, forçados a uma situação de progressivo isolamento econômico, social e cultural, e ocupados cada vez mais por imigrantes, passaram a vivenciar também explosões de violência coletiva, o que contribuiu em muito para reforçar e consolidar representações sociais negativas a respeito dos segmentos populacionais que neles habitam.

Paralelamente, no mesmo período, notou-se um movimento também progressivo de retirada das classes média e alta dos espaços públicos das grandes cidades, isoladas, por sua vez, voluntariamente em condomínios fechados. Muros passaram a ser construídos para separar e criar distância física e social desses novos excluídos. Fronteiras urbanas, que sempre existiram, foram revigoradas justamente em período de expansão da comunicação mundo afora. E a cidade, de lugar de encontro entre diferentes, apresenta tendências ao abandono, com consequências perversas à democracia, à civilidade e à cidadania.

Em referência a este quadro internacional, em muito norte-americano e europeu, e também em referência ao caso da cidade de São Paulo, na segunda seção do capítulo 1 apresentamos as particularidades do padrão de segregação socioespacial no Rio de Janeiro, cuja expressão mais eloquente é a favela, nascida em solo carioca há mais de cem anos. Vimos que, do ponto de vista da relação

travada entre favela e “cidade”, diferente do gueto-norte americano e da periferia paulistana, a primeira não é tão isolada ou desconectada da vida econômica e social do Rio de Janeiro, nem mesmo está necessariamente distante de bairros onde se encontram os setores de classe média e alta. A favela, a despeito das tentativas por sua erradicação, se manteve por vezes em regiões abastadas, forjando com estas uma relação de proximidade física e distância social, em muito tributária da matriz sociocultural hierárquica brasileira, como se percebeu por meio dos argumentos de Costa Pinto e DaMatta.

Naquele capítulo, foi feito ainda um breve histórico sobre as favelas, perpassando as representações sociais a seu respeito, em grande parte ligadas à ideia de antinomia entre favela e cidade; passando também pelas políticas públicas em prol de sua erradicação; e, finalmente, após a década de 1980, com a democratização, pelos programas estatais voltados para a integração das mesmas à vida urbana. Malgrado os esforços em matéria de urbanização de favelas no Rio de Janeiro a partir deste período, os avanços conquistados quanto à educação e à diminuição da pobreza no país, a expansão do crime organizado e do tráfico de drogas, na maioria das vezes sediados em favelas, contribuiu fortemente para o que chamamos de virada na representação desses e mais espaços segregados, portadores de semelhante estigma: lugares produtores de violência.

Nosso objetivo foi o de aproximar e preparar o leitor para melhor compreender, a partir do capítulo 2, a singularidade da Cruzada São Sebastião, conjunto habitacional popular construído no bairro do Leblon entre 1955 e 1962 pelo órgão de mesmo nome, pertencente à Arquidiocese do Rio de Janeiro. Na esteira das soluções encontradas para erradicar as favelas do espaço urbano carioca, o conjunto habitacional Cruzada foi idealizada pelo arcebispo Dom Helder Câmara no intuito de possibilitar nova vida às famílias das favelas da Praia do Pinto e da Ilha das Dragas, também no Leblon, aproximando urbanização e valores cristãos.

Diferentemente do programa estatal de erradicação de favelas, que construiu conjuntos habitacionais no mesmo período para também abrigar moradores de aglomerados extintos na Zona Sul, a filosofia da instituição Cruzada São Sebastião era mantê-los próximos de seus locais de moradia originais, numa ação inédita àquela época, transferindo-os para apartamentos. Acompanhamos

também, ainda que de maneira breve, o processo de elaboração e construção do conjunto da Cruzada, bem como as controvérsias dos procedimentos de seleção de moradores e também de repasse da escritura dos apartamentos.

Transcorridos mais de meio século de sua existência, o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, alvo de discriminação por parte do entorno ao longo deste período, ainda carrega principalmente os estigmas da favela, de cultura da pobreza, e de lugar perigoso, alimentando, reconfigurando e reatualizando a fronteira viva com o bairro. Por meio da reunião das perspectivas de cinco intérpretes, constituindo lugares de fala diferentes sobre a relação da Cruzada com o bairro, identificou-se uma disputa simbólica em torno da representação da relação entre esses espaços, como também um conflito sobre a terminologia a ser adotada para o conjunto. Esse conflito pareceu convergir, no entanto, para a confirmação da separação entre aqueles dois espaços, sendo a Cruzada visualizada na maioria das vezes como favela.

De um lado, as entrevistas com o antigo morador, com o presidente da associação de moradores e com o corretor, além da análise do material de imprensa mostram interesses variados e particulares no intuito de amenizar a Cruzada dos males a ela atribuídos socialmente. Dito de outra forma, reafirmam a fronteira bairro-conjunto ainda que tentem atenuá-la, como aparece nas narrativas do presidente da Amorabase, nas matérias jornalísticas e no depoimento do corretor.

As professoras e a direção da escola Santos Anjos, de outro lado, parecem despreocupadas em distanciar da Cruzada a representação negativa que esta carrega. Também não aparentam querer amenizar a fronteira urbana entre o conjunto e o Leblon, revelando a existência de acusações, preconceitos e discriminação, nutrindo ainda uma fronteira entre elas e o conjunto habitacional. Simultaneamente, demonstraram identificações com seu alunado da Cruzada, da qual querem, também, se distanciar. Em comparação com os outros intérpretes, cujas posições em relação ao conjunto parecem mais bem delimitadas, as professoras estariam entre a Cruzada e o Leblon, na fronteira.

Ao fazer referências à Cruzada, os intérpretes apresentaram um conflito quanto à terminologia a ser adotada, remetendo, todavia, à ideia de favela, associada à desordem. A imagem de condomínio residencial acionada pelo

presidente da associação de moradores da Cruzada, na tentativa de derrubar o “fantasma” da favela, concorreu com a imagem de prédios “cabeça de porco”, como comparou o corretor imobiliário quando aproximou o conjunto habitacional do prédio conhecido no Leblon como “Maracanã”. De outro lado, as docentes proferiram várias metáforas – “favela de asfalto”, “comunidade”, “comunidade carente”, “gueto” -, todas no sentido de demarcar um certo “lugar” da Cruzada dentro do Leblon.

É de se supor também que, apesar de ser frequentemente chamada de “comunidade” tanto por intérpretes “de dentro” quanto “de fora”, a Cruzada São Sebastião não possa ser considerada exatamente uma, no sentido estrito da palavra. Há indícios de rachaduras internas, conforme a fala do presidente da associação nos aponta. É provável que a segregação a qual a Cruzada está exposta cotidianamente tenha provocado efeitos perversos sobre seus moradores no sentido de produzir e reproduzir dinâmicas de distinção social internamente, a ver a prática da “conscientização” a qual se referiu o presidente da Amorabase. De um lado, os “favelados”; de outro, os “condôminos”.

Algumas professoras com mais de dez anos de trabalho na Santos Anjos nos falaram também, ainda que muito rapidamente, sobre diferenciações estabelecidas quanto ao tipo de morador que habita determinado bloco. “O melhor bloco é o colado à escola, o bloco 10, o mais arrumadinho”, disse-nos uma delas. Este bloco, assim como o oitavo e o nono, é composto de apartamentos de dois quartos, mais valorizados comercialmente e talvez, como podemos supor, também simbolicamente.¹

Se, entre estudiosos de favelas nota-se o que se convencionou chamar de “a favela da favela”, podemos supor haver no conjunto habitacional a “Cruzada da Cruzada”, ou “a favela do condomínio”. Esse panorama nos faz imaginar prejuízos sobre a coesão interna aos moradores, assim como sobre a organização

¹ Internamente ao conjunto, em consonância com a fala das professoras, o trabalho de Simões mencionou também a ideia de que o bloco e o tipo de apartamento são comumente apontados pelos moradores para definir virtualidades individuais ou coletivas. Segundo ela, certos comportamentos tidos em baixa estima na Cruzada apareceram, certas vezes, conectados ao fato do vizinho morar em determinado prédio, especialmente aqueles de apartamentos conjugados ou quarto e sala. Diferenças de renda parecem pautar também estratégias de distinção social na Cruzada. “Uma despreziosa observação do dia-a-dia é suficiente para nos fazer perceber a grande diferenciação de renda que existe entre os moradores da Cruzada. Possuir roupas de grife, carro, computador ou simplesmente exalar determinado perfume, por exemplo, são significantes que estabelecem essa diferenciação.” (SIMÕES, 2008:283)

comunitária e a construção de uma identidade comum. Pois, no limite, malgrado as práticas de distinção internas, a desqualificação externa atribuída à Cruzada parece não fazer diferenciações, respingando em todos.

Vemos assim que a Cruzada São Sebastião constitui um caso particular no contexto da bibliografia sobre segregação urbana, sendo um tipo ecológico diverso das formas urbanas que investigamos no decorrer do presente estudo – o gueto, o condomínio fechado e a favela -, ao mesmo tempo em que, na representação de nossos intérpretes, se aproximou dessas três formas urbanas: na visão das professoras, quando a chamaram de “gueto”; no desejo do presidente da Amorabase em transformá-la em condomínio residencial; e nas imagens sugeridas pelo antigo morador e também pelas professoras, associadas à favela.

A despeito de sua singularidade, a Cruzada revela também alguns dos dramas comuns a espaços socialmente desvalorizados em todo o mundo. Constituem desafios fundamentais que, para uma cidade como o Rio de Janeiro, com mais de mil favelas, conjuntos habitacionais, loteamentos e ocupações irregulares, se colocam urgentes e indispensáveis para o debate sobre uma nova imaginação de cidade, que não pode mais dispensar a incorporação do mundo popular nesse processo.